

CAPA DO VOLUME PRINCIPAL PLANO DE MANEJO

CONTRACAPA DO VOLUME PRINCIPAL DO PLANO DE MANEJO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Alberto Goldman

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE
Francisco Graziano Neto

FUNDAÇÃO FLORESTAL

PRESIDENTE
Paulo Nogueira Neto

DIRETORIA EXECUTIVA
José Amaral Wagner Neto

DIRETORIA DE OPERAÇÕES
Bóris Alexandre Cesar

DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Wanda Terezinha P. V. Maldonado

DIRETORIA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA
José Carlos Geraci

NÚCLEO PLANOS DE MANEJO
Cristiane Leonel

GERÊNCIA REGIONAL DO VALE DO RIBEIRA
Donizetti Barbosa Júnior

PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA
Fabio Leonardo Tomas

São Paulo, dezembro de 2010

CRÉDITOS TÉCNICOS E INSTITUCIONAIS

FUNDAÇÃO FLORESTAL DO ESTADO DE SÃO PAULO NÚCLEO PLANOS DE MANEJO

EQUIPE DE ELABORAÇÃO DO PLANO DE MANEJO DO PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA

Coordenação Geral

Cristiane Leonel Núcleo Planos de Manejo

Coordenação Técnica

Kátia Pisciotta Diretoria de Operações

Coordenação Executiva

Maria Isabel Amando de Barros Consultora Independente

Grupo Técnico-Operacional

Andressa Alencar do Nascimento Consultora Independente

Antônio Modesto Pereira PETAR

Lídia Jorge Consultora Independente

Nilza Aparecida da Silva PETAR

Tadeu Gonçalves PETAR

Débora Redivo Fundação Florestal (estagiária)

Equipe Técnica do Instituto Florestal para suporte e acompanhamento

José Luiz de Carvalho Instituto Florestal - DRPE

Sueli Herculiani Instituto Florestal - DRPE

Secretaria

Maria Luci de Toledo Núcleo Planos de Manejo

Equipe Técnica das Áreas Temáticas

Meio Físico

Clima

Gustavo Armani Instituto Geológico

Recursos Hídricos

Autores

Elisabete S. Braga IOUSP

Joselene de Oliveira IPEN

Esther Nespoli de Oliveira PROCAM-USP

Vitor Gonzalez Chiozzini IOUSP

Colaboradores

Beatriz Scigliano FFLCH

Carlos Eduardo Stein IOUSP

João Carlos Cattini Maluf IOUSP

Rene Marins dos Santos UNIBAN

Simone Alberighi IPEN

Sueli Carvalho de Jesus IPEN

Geologia

William Sallum Filho Instituto Geológico

Áreas Cársticas

José Antonio Ferrari Instituto Geológico

Silvio Takashi Hiruma Instituto Geológico

Francisco de Assis Negri Instituto Geológico

Relevo, Solos, Terrenos e Fragilidade

Marcio Rossi Instituto Florestal

Antonio Gonçalves Pires Neto Consultor

Patrimônio Espeleológico

Coordenador

Nelson Antonio Calil Filho Meta Ambiental

Equipe

Guilherme do Amaral Carneiro Meta Ambiental

Marcelo Rodrigues do Nascimento Meta Ambiental

Ana Paula Giorgi Meta Ambiental

Valdecir Simão dos Santos Monitor Ambiental

Jaques R. Bastos Monitor Ambiental

Geovani R. Bastos Morador Local

Valdemar da Costa Monitor Ambiental

Washington Luiz de Oliveira Mota Monitor Ambiental

Joaquin da Silva Martins Monitor Ambiental

Aparecido Jesus Vanesio Morador Local

Leandro Garcia Resende Meta Ambiental

Silvério Morador Local

Antonio Carlos Cardoso Meta Ambiental

Meio Biótico

Coordenação

Kátia Pisciotta Fundação Florestal

Vegetação

Coordenadora

Natália Macedo Ivanauskas Instituto Florestal

Equipe

Isabel Fernandes de Aguiar Mattos Instituto Florestal

Marina Mitsue Kanashiro Instituto Florestal

Flaviana Maluf de Souza Instituto Florestal

João Ruffin Leme de Godoy Consultor

Roseli Lika Miashika Instituto Florestal

Marcelo Del Bel Consultor

Maria Teresa Zugliani Toniato Instituto Florestal

Geraldo A. D. Corrêa Franco Instituto Florestal

João Aurélio Pastore Instituto Florestal

João Batista Baitello Instituto Florestal

Osny Tadeu Aguiar Instituto Florestal

Colaboradores

Loraine M.S. Barril Instituto Florestal

Rejane Esteves Instituto Florestal

Escaladores

Dirceu de Souza Fundação Florestal

João B. Silva Instituto Florestal

Ictiofauna

Walter Barrella GEIA

Oswaldo Takeshi Oyakawa GEIA

Abílio Gabriel Martins GEIA

Herpetofauna

Coordenadores

Cybele de Oliveira Araujo Instituto Florestal

Thais Helena Condez Instituto Butantan

Rafael Parelli Bovo Instituto Butantan

Técnicos

Fernanda da Cruz Centeno Instituto Butantan

Amom Mendes Luiz Instituto Butantan

Marco Aurélio de Sena Universidade de São Paulo

Fausto Erritto Barbo Instituto Butantan

Colaboradores

Ricardo J. Sawaya Instituto Butantan

Otávio A. V. Marques Instituto Butantan

Célio F. B. Haddad Universidade Estadual Paulista

Valdir José Germano Instituto Butantan

Avifauna

Alexsander Zamorano Antunes Instituto Florestal

Marilda Rapp de Eston Instituto Florestal

Pequenos Mamíferos

Coordenadora

Erika Hingst-Zaher Instituto Butantan

Colaboradores

Fabio de Andrade Machado MZUSP

Marcus Vinicius Brandão de Oliveira UFSCAR

Mauricio Forlani MZUSP

Médios e Grandes Mamíferos

Beatriz de Mello Beisiegel CENAP/ICMBio

Eduardo Nakano C. de Oliveira IPeC

Meio Antrópico

Uso da Terra, Ocupação Humana, Socioeconomia e Vetores de Pressão

Aline Batista Dias Vidal Consultora

Isabela de Fátima Fogaça UFRRJ

Pedro Henrique Ferreira Costa UNESP/RC

Silvia Maria Bellato Nogueira Instituto Florestal

Mineração

Hélio Shimada Instituto Geológico

Patrimônio Histórico-Cultural

Coordenador

Paulo Eduardo Zanettini Zanettini Arqueologia

Flávio Rizzi Callipo Zanettini Arqueologia

Paulo Fernando Bava de Camargo Zanettini Arqueologia

Lucas de Paula Souza Troncoso Zanettini Arqueologia

Rafael Abreu e Souza Zanettini Arqueologia

Luciana Bozzo Alves Zanettini Arqueologia

Zoneamento

Kátia Pisciotta Fundação Florestal

Maria Isabel Amando de Barros Consultora

Maurício Marinho Fundação Florestal

Programas de Gestão

Gestão Organizacional

Kátia Pisciotta Fundação Florestal

Lídia Jorge Consultora

Proteção

Kátia Pisciotta Fundação Florestal

Lídia Jorge Consultora

Pesquisa e Manejo do Patrimônio Natural e Cultural

Kátia Pisciotta Fundação Florestal

Andressa Alencar do Nascimento Consultora

Uso Público

Coordenadora

Teresa Cristina Magro ESALQ/USP

Equipe

Yukie Kabashima Consultora

Luisa Maciel Consultora

Interação Socioambiental

Aline Batista Dias Vidal Consultora

Isabela de Fátima Fogaça UFRRJ

Kátia Pisciotta Fundação Florestal

Pedro Henrique Ferreira Costa UNESP/RC

Silvia Maria Bellato Nogueira Instituto Florestal

Educação Ambiental

Leo Eduardo de Campos Ferreira OCA/ESALQ/USP

Gabriela Narezi OCA/ESALQ/USP

Ana Paula Coati OCA/ESALQ/USP

Camila Pastor OCA/ESALQ/USP

Laura Vidotto OCA/ESALQ/USP

Andrea Abdala OCA/ESALQ/USP

Carlos Eduardo Cavalcante Barros OCA/ESALQ/USP

Marcos Sorrentino OCA/ESALQ/USP

Regularização Fundiária

Coordenadora

Ana Carolina de Campos Honora Fundação Florestal

Equipe técnica

Maria Aparecida C. S. Resende Fundação Florestal

Kátia Carolino Consultora

Danilo da Costa Morcelli Consultor

Áreas Prioritárias de Manejo

Kátia Pisciotta Fundação Florestal

Fabio Leonardo Tomas Fundação Florestal

Legislação Incidente - Bases Legais para a Gestão da Unidade

Coordenadora

Ana Carolina de Campos Honora Fundação Florestal

Equipe

Maria Aparecida C. S. Resende Fundação Florestal

Silvia Jordão Fundação Florestal

Sandra Leite Fundação Florestal

Kátia Carolino Consultora

Danilo da Costa Morcelli Consultor

Planejamento Integrado

Rosana Kisil CAOS

Geoprocessamento

Ana Fernandes Xavier	Fundação Florestal
Angélica M. F. Barradas	Fundação Florestal
Marina Mitsue Kanashiro	Instituto Florestal
Rafael Silva de Araujo	SIGMATS
Pablo Luiz Maia Nepomuceno	SIGMATS
Leandro Henrique Moura da Costa	SIGMATS

Revisão e Edição

Kátia Pisciotta	Fundação Florestal
Maria Isabel Amando de Barros	Consultora

O PATRIMÔNIO NATURAL DO ESTADO DE SÃO PAULO E A GESTÃO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

A Secretaria do Meio Ambiente é o órgão do Governo do Estado responsável pelo estabelecimento e implementação da política de conservação do estado de São Paulo, considerando, dentre outras ações, a implantação e a administração dos espaços territoriais especialmente protegidos, compreendendo unidades de conservação de proteção integral e de uso sustentável.

A Fundação Florestal tem a missão de contribuir para a melhoria da qualidade ambiental do Estado de São Paulo, visando à conservação e a ampliação de florestas. Tais atribuições são implementadas por meio de ações integradas e da prestação de serviços técnico-administrativos, da difusão de tecnologias e do desenvolvimento de metodologias de planejamento e gestão. Sua ação sustenta-se em quatro vertentes: conservação, manejo florestal sustentável, educação ambiental e ação integrada regionalizada.

Criada pela Lei nº 5.208/86, no final do governo estadual de André Franco Montoro, a Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo - Fundação Florestal, como passou a ser conhecida, surgiu na forma de um órgão de duplo perfil, ou seja, uma instituição que implantasse a política ambiental e florestal do Estado com a eficiência e a agilidade de uma empresa privada.

Vinculada à Secretaria do Meio Ambiente, a Fundação Florestal vinha implantando uma visão moderna de gestão ambiental, procurando mostrar que a atividade econômica, desde que praticada na perspectiva do desenvolvimento sustentável, pode gerar bons negócios, empregos e capacitação profissional, ao mesmo tempo em que protege o patrimônio natural e utiliza de maneira racional e sustentável os recursos naturais.

Foi com este espírito que grandes mudanças ocorreram na Fundação Florestal a partir do final de 2006. Inicialmente as Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN), até então atreladas ao Governo Federal, por meio do Decreto Estadual nº 51.150, de 03/10/06, passaram a ser reconhecidas no âmbito do Governo Estadual, delegando à Fundação Florestal a responsabilidade de coordenar o Programa de Apoio às RPPN. Um mês depois, o Decreto Estadual nº 51.246, de 06/11/06, atribuiu à Fundação Florestal a responsabilidade do gerenciamento das Áreas de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), nas áreas de domínio público.

Ainda no final de 2006 foi instituído, através do Decreto Estadual nº 51.453, de 29/12/06, o Sistema Estadual de Florestas – SIEFLOR, com o objetivo de aperfeiçoar a gestão e a pesquisa na maior parte das unidades de conservação do Estado de São Paulo. Os gestores desse Sistema são a Fundação Florestal e o Instituto Florestal, contemplando, dentre as Unidades de Conservação de Proteção Integral os Parques Estaduais, Estações Ecológicas e Reservas de Vida Silvestre e, dentre as Unidades de Conservação de uso Sustentável, as Florestas Estaduais, Reservas de Desenvolvimento Sustentável e as Reservas Extrativistas. A Fundação Florestal desenvolve, implementa e gerencia os programas de gestão nestas Unidades enquanto, o Instituto Florestal, realiza e monitora atividades de pesquisa.

Em maio de 2008, novo Decreto Estadual nº 53.027/08, atribui à Fundação Florestal o gerenciamento das 27 Áreas de Proteção Ambiental (APA) do Estado de São Paulo, até então sob responsabilidade da Coordenadoria de Planejamento Ambiental Estratégico e

Educação Ambiental (CPLEA), como resultado de um processo de reestruturação interna da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo.

Após mais de 2 anos da edição do Decreto que institui o SIEFLOR, um novo Decreto, o de nº 54.079 de 5/3/2009 aperfeiçoa o primeiro. Após um período de maturação, as instituições envolvidas – Instituto e Fundação Florestal, reavaliaram e reformularam algumas funções e a distribuição das Unidades de Conservação de tal forma que todas as Estações Experimentais e as Estações Ecológicas contíguas a estas encontram-se sob responsabilidade do Instituto Florestal (exceção a Estação Ecológica de Jataí), bem como o Plano de Produção Sustentada – PPS; à Fundação Florestal coube a responsabilidade da administração e gestão das demais unidades de conservação do Estado, bem como propor o estabelecimento de novas áreas protegidas.

Considerando-se as RPPN e ARIE, acrescidas das unidades, gerenciadas pelo SIEFLOR e, mais recentemente, as APA, a Fundação Florestal, passou, em menos de dois anos, a administrar mais de uma centena de unidades de conservação abrangendo aproximadamente 3.420.000 hectares ou aproximadamente 14% do território paulista.

Trata-se, portanto, de um período marcado por mudanças e adaptações que estão se concretizando a medida em que as instituições envolvidas adequam-se às suas novas atribuições e responsabilidades. A Fundação Florestal está se estruturando tecnicamente e administrativamente para o gerenciamento destas unidades, sem perder de vista sua missão e o espírito que norteou em assumir a responsabilidade de promover a gestão, ou o termo cotidiano que representa o anseio da sociedade – zelar pela conservação do patrimônio natural, histórico-arquelógico e cultural da quase totalidade das áreas protegidas do Estado, gerando bons negócios, emprego, renda e capacitação profissional às comunidades locais.

*Mundo, mundo, vasto mundo
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não uma solução
Mundo, mundo, vasto mundo
Mais vasto é meu coração*
Carlos Drummond de Andrade

Muitos profissionais, de vastos corações, dedicaram-se ao PETAR, por longos períodos de suas vidas.

Este Plano de Manejo representa a continuidade dos esforços e dos sonhos destas pessoas e a elas é dedicado: Pedro Comério, Eptácio Guimarães, Vadir de Andrade, Vanderlei Dias de Moura, Joaquim de Brito da Costa Neto e Roberto Bürgi.

AGRADECIMENTOS

Ao final de todos os meses de trabalho, o Plano de Manejo do PETAR apresenta-se como um documento robusto, grande... são centenas de páginas e dezenas de mapas.

Foi necessária uma grande equipe para dar cabo desta missão. Uma equipe coesa, sempre disponível e sempre disposta.

É preciso agradecer a todos que participaram desta empreitada, em maior ou menor grau.

A citação de instituições, de setores e de pessoas não pretende desmerecer os que não foram citados, mas, antes, enaltecer o esforço de todos, por meio destes que se dedicaram de maneira mais intensa e freqüente a este trabalho.

Agradecimentos aos funcionários do PETAR, incansáveis, impecáveis, insubstituíveis.

Agradecimentos ao Instituto Florestal, ao Instituto Geológico, ao ICMBio, à ESALQ/USP, ao IPEN e ao Instituto Oceanográfico/USP - nas pessoas de seus pesquisadores - e às empresas de consultoria e consultores independentes, que atuaram diretamente no plano, em campo, nos escritórios, nas reuniões; ao vivo, por email, por telefone.

Agradecimentos aos moradores de todos os bairros do entorno e localidades do interior do PETAR e representantes de órgãos governamentais que participaram ativamente das reuniões, inclusive viabilizando as refeições.

Agradecimentos às instituições que auxiliam a gestão do Parque.

Agradecimentos aos membros do Conselho Consultivo, sempre presentes e ativos.

Agradecimentos ao Núcleo de Regularização Fundiária/Equipe de Geoprocessamento.

Agradecimentos aos funcionários da Sede da Fundação Florestal, nas pessoas de Andrea Duarte Ferreira e Adriana Neves.

APRESENTAÇÃO

Quase quinhentas cavernas! E, talvez, haja mais do que isto. Num futuro próximo deveremos saber.

Cavernas são manifestações fantásticas do resultado de um trabalho persistente, minucioso, lento e contínuo. A água percorrendo a rocha. A rocha se dissolvendo. A cada gota, o sedimento se acumulando, e ao final de anos e séculos, surgem as estruturas mais monumentais e as mais delicadas.

No PETAR - como bem demonstrado está nas informações levantadas para este plano de manejo – o foco são as cavernas, para os turistas, para os estudiosos, para os trabalhadores do ecoturismo. Mas o PETAR vai além das cavernas. Na vigorosa carta de Epitácio Guimarães, clamando pela criação de um parque estadual em 1956 (!), são destacadas, na *“erma região dependurada nos espigões da Serra de Paranapiacaba... suas matas virgens combinadas com a aspereza bravia do relevo, onde em cada dobrada novos cenários surgem...”*.

Mais de cinqüenta anos foram necessários para que o PETAR fosse presenteado com seu plano de manejo. Claro está que os trabalhos elaborados ao longo destas mais de cinco décadas, bem como os diversos documentos de planejamento pensados e repensados, foram aproveitados, vários, empoeirados, foram ressuscitados e outros precisaram ser criados, pois havia – e há – muito ainda a se descobrir e aprender sobre o PETAR e todo o contínuo ecológico de Paranapiacaba.

Aliás, o PETAR arremata a série de planos de manejo do contínuo ecológico. Os planos de manejo elaborados para seus pares – os Parques Estaduais Intervales e Carlos Botelho – despontaram como base técnica e inspiração.

Agora, que finalmente o Plano de Manejo está pronto, interessante observar que em cada um de seus grandes eixos temáticos – os diagnósticos do meio físico, biótico e antrópico e os programas de manejo – a abordagem histórica é tão proeminente.

A história da conservação da Mata Atlântica e da devastação da Mata Atlântica. A história da espeleologia no Brasil. A história das comunidades tradicionais. A história do sistema de Unidades de Conservação paulista. A história do esforço, das dificuldades, dos sucessos e dos fracassos na gestão de uma unidade de conservação, comum a todas as unidades de conservação.

O processo de elaboração do plano de manejo pretendeu ser denso o suficiente para respeitar toda esta história. Para tanto, envolveu, o quanto foi possível, os atores sociais locais, regionais e da capital (e além). Aconteceram mais de vinte oficinas e reuniões técnicas, quando foram recolhidas, no valioso livro de presença, mais de quinhentas assinaturas.

Plano de Manejo concluído. Agora, mãos à obra. A implantação é outra história, a ser escrita com esmero e eficiência.

José Amaral Wagner Neto

Diretor Executivo da Fundação Florestal

SUMÁRIO

I Introdução

1.1. Contexto Geral	01
1.2. O Contínuo Ecológico de Paranapiacaba	03
1.3. O Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira	05
1.4. O Plano de Manejo	11

2 Histórico

2.1. Introdução	17
2.1.1. Antecedentes Históricos da Legislação Ambiental	18
2.1.2. Antecedentes Históricos da Criação do PETAR	20
2.2. Deslumbramento e Ciência	29
2.3. A Implantação do PETAR	32
2.3.1. Interesse Turístico	36
2.3.2. Datas Jubilosas	38
2.4. Comunidades	39
2.5. Histórias Finais	41

3 Metodologia

3.1. Princípios e Diretrizes Metodológicas	45
3.1.1. Base Técnico-Científica	45
3.1.2. Planejamento Integrado	45
3.1.3. Planejamento Participativo	45
3.1.4. Educação Ambiental	46
3.1.5. Orientação Estratégica	46
3.2. Interação entre os Atores do Planejamento	49
3.2.1. Grupo Técnico de Coordenação	49
3.2.2. Pesquisadores e Consultores	49
3.2.3. Sociedade e Comunidades	50
3.3. Síntese da Metodologia Utilizada nos Levantamentos Temáticos	54
3.3.1. Avaliação do Meio Físico	55
3.3.2. Avaliação da Biodiversidade	63
3.3.3. Avaliação do Meio Antrópico	64
3.3.4. Temas Relacionados aos Programas de Gestão	70
3.4. Zoneamento	75
3.5. Geoprocessamento	76

4 Avaliação do Meio Físico

4.1. Introdução	81
4.2. Clima	94
4.2.1. O Clima Regional	94
4.2.2. Os Climas Locais e Mesoclimas	96
4.3. Recursos Hídricos	100
4.3.1. Gestão dos Recursos Hídricos	101
4.3.2. Qualidade Ambiental das Águas	103
4.3.3. Gestão Regional dos Recursos Hídricos	106
4.3.4. Qualidade Ambiental das Águas no PETAR	109
4.4. Geologia	111
4.4.1. Geologia Regional	111

4.4.2. Geologia Local	113
4.4.3. Geologia Estrutural	119
4.5. Relevo	127
4.5.1. Contexto Regional	129
4.5.2. Tipos de Relevo do PETAR e da Área de Entorno	132
4.5.3. Canais Fluviais	144
4.5.4. Aspectos da Dinâmica Superficial	146
4.6. Áreas Cársticas	149
4.6.1. Bacia do Rio Betari	150
4.6.2. Bacia do Rio Iporanga	158
4.6.3. Bacia do Ribeirão Pescaria	164
4.6.4. Bacia Córrego da Campina	165
4.6.5. Bacia do Ribeirão Grande	170
4.6.6. Bacia do Rio Ribeira	171
4.7. Solos	175
4.7.1. Contexto Regional	175
4.7.2. Os Solos do PETAR e sua Área de Entorno	183
4.8. Terrenos	200
4.8.1. Tipos de Terrenos	202
4.8.2. Fragilidade Geoambiental dos Terrenos do PETAR e sua Área de Entorno	217
4.9. Patrimônio Espeleológico	225
4.9.1. Histórico da Pesquisa Espeleológica na Região	227
4.9.2. Patrimônio Espeleológico do PETAR e Zona de Amortecimento	230
4.9.3. Visitação Pública	245
5 Avaliação do Meio Biótico	
5.1. Introdução	251
5.2. A Riqueza de Espécies da Mata Atlântica	254
5.2.1. Flora	254
5.2.2. Fauna	255
5.3. Caracterização da Biodiversidade do PETAR	258
5.3.1. Caracterização da Vegetação	258
5.3.2. Caracterização da Fauna	266
5.3.3. Ameaças a Biodiversidade do PETAR	293
5.3.4. Recomendações para Diminuição dos Vetores de Pressão	309
6 Avaliação do Meio Antrópico	
6.1. Caracterização da Ocupação Humana, da Socioeconomia e dos Vetores de Pressão	324
6.1.1. Caracterização Regional	326
6.1.2. Municípios de Influência Direta	333
6.1.3. Municípios de Influência Indireta ao PETAR	338
6.1.4. Municípios de Influência Direta e Indireta	340
6.1.5. Caracterização da Ocupação Humana no PETAR e Entorno	345
6.1.6. Caracterização das Moradores Internos do PETAR	367
6.1.7. Caracterização dos Vetores de Pressão	372
6.1.8. Considerações Finais	383
6.2. Caracterização da Mineração	384
6.2.1. Breve Histórico da Mineração na Região do PETAR	384
6.2.2. Dados Obtidos Junto ao DNPM	390
6.2.3. Dados Obtidos Junto a CETESB	395
6.2.4. Levantamentos de Campo	395
6.2.5. Avaliação da Mineração na Região do PETAR	396
6.2.6. Considerações Finais	397
6.3. Caracterização do Patrimônio Histórico-Cultural	399

6.3.1. Panorama do Patrimônio Histórico-Cultural do PETAR e seu Entorno	399
6.3.2. Avaliação dos Sítios Encontrados	408

7 Zoneamento

7.1. Organização do Zoneamento	417
7.1.1. Introdução	417
7.1.2. O Processo de Construção do Zoneamento	418
7.1.3. Categorias de Zoneamento	419
7.1.4. Critérios de Zoneamento	421
7.2. Zoneamento Interno	429
7.2.1. Pressupostos Básicos e Normas Gerais das Zonas	429
7.2.2. Zona Intangível	433
7.2.3. Zona Primitiva	436
7.2.4. Zona de Recuperação	439
7.2.5. Zona de Uso Extensivo	444
7.2.6. Zona de Uso Intensivo	448
7.2.7. Zona Histórico-Cultural	452
7.2.8. Zona de Uso Conflitante	456
7.2.9. Zona de Uso Especial	457
7.3. Zona de Amortecimento	459
7.3.1. Objetivo Geral	459
7.3.2. Objetivos Específicos	460
7.3.3. Estratégia do Órgão Gestor	460
7.3.4. Descrição	461
7.4. Síntese do Zoneamento do PETAR	508
7.5. Trilhas	509
7.6. Áreas Propostas para Inclusão	511

8 Programas de Gestão

8.1. Gestão Organizacional	515
8.1.1. Introdução	515
8.1.2. Diagnóstico da Situação Atual	516
8.1.3. Desenvolvimento do Programa de Gestão Organizacional	549
8.1.4. Síntese das Diretrizes e Linhas de Ação.....	561
8.2. Proteção	563
8.2.1. Introdução	563
8.2.2. Breve Histórico da Proteção no PETAR	564
8.2.3. Diagnóstico da Situação Atual	568
8.2.4. Desenvolvimento do Programa de Proteção	585
8.2.5. Síntese das Diretrizes e Linhas de Ação	596
8.3. Pesquisa e Manejo do Patrimônio Natural e Cultural	599
8.3.1. Introdução	599
8.3.2. Diagnóstico da Situação Atual	601
8.3.3. Desenvolvimento do Programa de Pesquisa e Manejo	626
8.3.4. Síntese das Diretrizes e Linhas de Ação	659
8.4. Uso Público	663
8.4.1. Introdução	663
8.4.2. Diagnóstico da Situação Atual	669
8.4.3. Desenvolvimento do Programa de Uso Público.....	703
8.4.4. Síntese das Diretrizes e Linhas de Ação	727
8.5. Interação Socioambiental	729
8.5.1. Introdução	729
8.5.2. Diagnóstico da Situação Atual	729

8.5.3. Desenvolvimento do Programa de Interação Socioambiental	732
8.5.4. Síntese das Diretrizes e Linhas de Ação	750
8.6. Educação Ambiental	753
8.6.1. Introdução	753
8.6.2. Diagnóstico e Avaliação	756
8.6.3. Desenvolvimento do Programa de Educação Ambiental	762
8.6.4. Síntese das Diretrizes e Linhas de Ação	773
8.7. Regularização Fundiária	775
8.7.1. Introdução	775
8.7.2. Histórico Fundiário do PETAR	775
8.7.3. Diagnóstico da Situação Atual	777
8.7.4. Desenvolvimento do Programa de Regularização Fundiária	795
8.7.5. Síntese das Diretrizes e Linhas de Ação	797
9 Áreas Prioritárias de Manejo	
9.1. Introdução	801
9.2. Ações Propostas para as Áreas Prioritárias de Manejo	802
10 Legislação Incidente - Bases Legais para a Gestão da Unidade	
10.1. Introdução	815
10.2. Contexto da Unidade	816
10.3. Instrumentos Norteadores de Criação de UC	816
10.3.1. Instrumentos Norteadores da Criação do PETAR	817
10.3.2. Zona de Amortecimento	818
10.4. Instrumentos Legais de Proteção para o PETAR e Região	819
10.4.1. Tombamento da Serra do Mar	819
10.4.2. Reserva da Biosfera da Mata Atlântica	820
10.4.3. Sítio do Patrimônio Mundial	821
10.5. A Constituição como Instrumento Legal de Proteção	822
10.5.1. Mata Atlântica	822
10.5.2. Cavernas: bens da União e áreas de proteção permanente	823
10.6. Mineração e Áreas Especialmente Protegidas	825
10.6.1. Os Títulos Minerários no Interior de UC	826
10.7. O Princípio da Precaução	828
11 Monitoramento e Avaliação	
11.1. Introdução	833
11.2. Avaliação e Monitoramento de Programas de Gestão	833
11.3. Avaliação da Efetividade do Zoneamento	836
12 Referências Bibliográficas	
12.1. Referências Bibliográficas	841

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1. Lista de gestores de 1984 a 2010
- Tabela 2. Lista de funcionários antigos
- Tabela 3. Principais reuniões e oficinas de planejamento participativo
- Tabela 4. Mapas utilizados na caracterização e na avaliação dos atributos e fragilidades do relevo do PETAR e da sua área de entorno
- Tabela 5. Metodologia utilizada na avaliação do meio físico-relevo
- Tabela 6. Metodologia utilizada na Avaliação Ecológica Rápida
- Tabela 7. Metodologia utilizada nos levantamentos sobre socioeconomia e vetores de pressão
- Tabela 8. Definições da legenda utilizada no mapa de Uso da Terra
- Tabela 9. Metodologia utilizada nos levantamentos de mineração
- Tabela 10. Metodologia utilizada nos levantamentos do Patrimônio Histórico-Cultural
- Tabela 11. Metodologia utilizada nos levantamentos sobre Gestão Organizacional
- Tabela 12. Metodologia utilizada nos levantamentos sobre Proteção
- Tabela 13. Metodologia utilizada para avaliação das atividades de pesquisa
- Tabela 14. Metodologia utilizada nos levantamentos sobre Uso Público
- Tabela 15. Critérios utilizados para elaboração do zoneamento
- Tabela 16. Sistemas cársticos do PETAR, distribuídos por bacias hidrográficas
- Tabela 17. Síntese da fragilidade dos terrenos e do sistema cárstico do PETAR
- Tabela 18. Normais Climatológicas (1956 – 1997) de Cananéia
- Tabela 19. Classificação dos corpos d'água segundo Resolução CONAMA n° 357/2005
- Tabela 20. Divisão das sub-bacias e suas áreas de drenagem
- Tabela 21. Tipos litológicos que ocorrem na área do PETAR, a partir do mapa geológico de Campanha (2002)
- Tabela 22. Tipos de relevo identificados no PETAR e seu entorno e sua distribuição nos compartimentos de relevo
- Tabela 23. Características e atributos do relevo de Escarpa, Escarpa em Anfiteatro, e Escarpa em Vales Paralelos que ocorrem na Serrania do Ribeira
- Tabela 24. Características e atributos dos tipos de relevo Montanhas, e Morros e Montanhas, que constituem a Serrania do Ribeira
- Tabela 25. Relevo de Crista e de Cristas com morros paralelos que constituem a Serrania do Ribeira e ocorrem no Planalto de Guapiara
- Tabela 26. Características e atributos dos tipos de relevo: Morros paralelos, Morros pedimentares, Morros angulosos e Morros maciços, que ocorrem na Serrania do Ribeira
- Tabela 27. Características e atributos dos tipos de relevos: Morrotes e Morros e Morrotes e Morros carsticos, que ocorrem respectivamente no Planalto de Guapiara e no Planalto Cárstico do Vale do Ribeira
- Tabela 28. Características e atributos dos tipos de relevo: Morrotes e Colinas pequenas, Morrotes e Morrotes pedimentares que constituem o Planalto de Guapiara e a Serrania do Ribeira

Tabela 29.	Características e atributos dos tipos de relevo de acumulação, associados a processos fluviais, gravitacionais e pluviais, que ocorrem no Planalto de Guapiara, no Planalto Cárstico do Vale do Ribeira e na Serrania do Ribeira
Tabela 30.	Principais solos do PETAR, sua aptidão física e capacidade de uso
Tabela 31.	Legenda do Mapa de Solos
Tabela 32.	Extensão e distribuição das unidades de mapeamento de solos do PETAR
Tabela 33.	Extensão e distribuição das Ordens de solos referentes à área do PETAR.
Tabela 34.	Atributos do solo e critérios para a fragilidade potencial
Tabela 35.	Avaliação do grau de fragilidade potencial dos atributos analisados dos solos do PETAR e sua área de entorno
Tabela 36.	Terrenos, feições e formas de relevo e principais unidades de solos associados
Tabela 37.	Unidades de mapeamento de solos e respectivas litologias associadas
Tabela 38.	Quadro de fragilidade quanto aos elementos do meio físico com ênfase nos solos do PETAR e seu entorno
Tabela 39.	Compartimentos de relevo e unidades de terrenos delimitadas no PETAR e na área de entorno
Tabela 40.	Características dos Terrenos Montonhosos e Escarpados que ocorrem no PETAR e na área de entorno
Tabela 41.	Características dos Terrenos Amorreados Carsticos que tem ampla distribuição no PETAR e ocorre na área de entorno
Tabela 42.	Características dos Terrenos Amorreados Altos que ocorrem na área de entorno e no PETAR
Tabela 43.	Características dos Terrenos Amorreados que predominam na área de entorno do PETAR
Tabela 44.	Características da unidade de terrenos Morrotes que predominam na área de entorno do PETAR
Tabela 45.	Características da unidade de terrenos Cones de dejeção e Corpos de Tálus que ocorrem no PETAR e na área de entorno
Tabela 46.	Características da unidade de terrenos Terraço que predominam na área de entorno do PETAR
Tabela 47.	Características da unidade de terrenos Planícies que predominam no PETAR e na área de entorno
Tabela 48.	Síntese da fragilidade dos terrenos e do sistema cárstico do PETAR
Tabela 49.	Grupos de espeleologia e suas atuações
Tabela 50.	Lista de cavidades com datum SAD 69
Tabela 51.	Lista de cavidades sem datum ou com mesmas coordenadas geográficas
Tabela 52.	Lista de cavidades sem coordenadas geográficas
Tabela 53.	Cavidades levantadas pela equipe do Patrimônio Espeleológico (Datum SAD 69)
Tabela 54.	Cavidades com registro, mas ainda não cadastradas no CNC (SAD 69)
Tabela 55.	Cavidades com Planos de Manejo Espeleológico no PETAR
Tabela 56.	Síntese dos dados numéricos relacionados à riqueza da flora e da fauna
Tabela 57.	Descritores dos tipos vegetacionais naturais e demais ocupações mapeados no PETAR
Tabela 58.	Distribuição das espécies de peixes nas bacias hidrográficas do PETAR

Tabela 59.	Riqueza de espécies de anfíbios e répteis amostradas nas Bases e Núcleos do PETAR durante a AER
Tabela 60.	Espécies de médios e grandes mamíferos registradas em cada fisionomia vegetal do PETAR, incluindo espécies nativas e exóticas
Tabela 61.	Mamíferos de médio e grande porte registrados no PETAR durante a AER
Tabela 62.	Biodiversidade: síntese dos dados coletados no âmbito dos Planos de Manejo Espeleológico para as cavernas do PETAR
Tabela 63.	Qualidade ambiental: síntese dos dados coletados no âmbito dos Planos de Manejo Espeleológico para as cavernas do PETAR
Tabela 64.	Espécies ameaçadas e provavelmente ameaçadas que ocorrem nas cavernas com PME
Tabela 65.	Municípios de influência direta e indireta do PETAR
Tabela 66.	Caracterização dos municípios de influencia indireta ao PETAR
Tabela 67.	Estatísticas Agrícolas, Escritório de Desenvolvimento Regional de Registro, Estado de São Paulo, 2007/08
Tabela 68.	Estatísticas Agrícolas, Escritório de Desenvolvimento Regional de Itapeva, Estado de São Paulo, 2007/08
Tabela 69.	Assistência Técnica Privada, por Município, Estado de São Paulo, 2007/08
Tabela 70.	Assistência Técnica Oficial, por Município, Estado de São Paulo, 2007/08
Tabela 71.	Utilizou Crédito Rural, por Município, Estado de São Paulo, 2007/08
Tabela 72.	Culturas por município
Tabela 73.	Principais bairros do entorno do PETAR
Tabela 74.	Vetores de pressão negativos e positivos incidentes sobre o PETAR
Tabela 75.	Organizações governamentais que atuam na região e sua área de atuação
Tabela 76.	ICMS Ecológico – Lei Estadual 8.510, DE 29.12.93
Tabela 77.	Concessões imperiais de mineração na região do PETAR
Tabela 78.	Relação das descobertas minerais no Alto Ribeira/Alto Paranapanema Período 1970 – 1995
Tabela 79.	Sítios arqueológicos na área de influência
Tabela 80.	Tipos de sítios
Tabela 81.	Indicações de bens culturais no PETAR e seu entorno
Tabela 82.	Avaliação da prioridade de proteção e conservação dos bens histórico-culturais do PETAR
Tabela 83.	Avaliação do potencial de visitação dos bens do PETAR
Tabela 84.	Critérios utilizados para a determinação das zonas que permitem uso público
Tabela 85.	Categorias de setores da Zona de Amortecimento
Tabela 86.	Critérios indicativos para setorização da Zona de Amortecimento
Tabela 87.	Descrição das áreas selecionadas como Zona Intangível
Tabela 88.	Descrição das trilhas localizadas na Zona Primitiva
Tabela 89.	Descrição das áreas localizadas na Zona de Uso Extensivo
Tabela 90.	Descrição das áreas localizadas na Zona de Uso Intensivo – Núcleo
Tabela 91.	Descrição das áreas localizadas na Zona de Uso Intensivo – Núcleo Ouro Grosso
Tabela 92.	Descrição das áreas localizadas na Zona de Uso Intensivo – Núcleos Caboclos e Casa de Pedra
Tabela 93.	Lista dos bens do patrimônio histórico-cultural para a conservação

Tabela 94.	Descrição das áreas localizadas na Zona de Uso Conflitante
Tabela 95.	Descrição das áreas localizadas na Zona de Uso Especial
Tabela 96.	Área total de cada zona do PETAR
Tabela 97.	Trilhas e Estradas
Tabela 98.	Características das edificações da Sede Administrativa, Núcleos e Bases
Tabela 99.	Infraestrutura básica
Tabela 100.	Veículos da frota
Tabela 101.	Implementos agrícolas
Tabela 102.	Equipamentos de rádio-comunicação
Tabela 103.	Listagem atual dos funcionários do PETAR
Tabela 104.	Movimento Caixa – Núcleo Caboclos 2010
Tabela 105.	Movimento Caixa - Núcleo Santana 2010
Tabela 106.	Execução orçamentária
Tabela 107.	Despesas com recursos Fundação Florestal (excluindo projetos) 2010
Tabela 108.	Objetivos e indicadores das diretrizes
Tabela 109.	Síntese das diretrizes e linhas de ação
Tabela 110.	Comparação entre os registros das ações de fiscalização desenvolvidas em 1998 e em 2009
Tabela 111.	Dados dos Boletins de Ocorrência da Polícia Ambiental 2008, 2009 e 2010
Tabela 112.	Número de fiscalizações realizadas no PETAR e entorno, municípios de Iporanga e Apiaí
Tabela 113.	Setor norte e as trilhas prioritárias para fiscalização
Tabela 114.	Setor central e as trilhas prioritárias para fiscalização
Tabela 115.	Setor sul e as trilhas prioritárias para fiscalização
Tabela 116.	Núcleos e Bases do Parque
Tabela 117.	Condições dos equipamentos de comunicação
Tabela 118.	Funcionários vinculados ao Programa de Proteção
Tabela 119.	Objetivos e indicadores das diretrizes
Tabela 120.	Síntese das diretrizes e linhas de ação
Tabela 121.	Normas básicas para as atividades de pesquisa
Tabela 122.	Informações gerais sobre Núcleos e Bases do PETAR com potencial para pesquisa
Tabela 123.	Projetos experimentais de parceria entre o Parque e a comunidade
Tabela 124.	Síntese da caracterização do conhecimento no PETAR
Tabela 125.	Cavernas mais estudadas
Tabela 126.	Número de trabalhos encontrados sobre fauna, separados por UC, seguidos das porcentagens representadas por estes números em relação ao total de trabalhos
Tabela 127.	Objetivos e indicadores das diretrizes
Tabela 128.	Sistemas cársticos distribuídos por bacias hidrográficas
Tabela 129.	Cavidades que recebem visitação irregular
Tabela 130.	Síntese das diretrizes e linhas de ação
Tabela 131.	Trilhas e seus atrativos apresentadas por Núcleos, com destaque para as trilhas consolidadas e abertas à visitação
Tabela 132.	Travessias e atrativos relacionados
Tabela 133.	Estradas internas e atrativos relacionados
Tabela 134.	Principais atrativos do PETAR (sem inclusão das cavernas)

Tabela 135.	Atrativos localizados fora do PETAR
Tabela 136.	Matriz descritiva da infraestrutura para uso público do PETAR
Tabela 137.	Número e média de visitantes de cada núcleo do PETAR entre 2006 e 2008
Tabela 138.	Distância aproximada (km) entre os núcleos do PETAR e as quatro localidades estudadas
Tabela 139.	Leitos disponíveis nas quatro localidades levantadas
Tabela 140.	Tipos de hospedagem oferecidos nos locais de estudo
Tabela 141.	Número de agências operantes no PETAR, distribuídas por municípios
Tabela 142.	Objetivos e indicadores das diretrizes
Tabela 143.	Serviços ausentes ou insuficientes no município de Iporanga
Tabela 144.	Síntese das diretrizes e linhas de ação
Tabela 145.	Objetivos e indicadores das diretrizes
Tabela 146.	Síntese das diretrizes e linhas de ação
Tabela 147.	Objetivos e indicadores das diretrizes
Tabela 148.	Síntese das diretrizes e linhas de ação
Tabela 149.	Área total do perímetro e área Interna ao Parque
Tabela 150.	Objetivos e indicadores das diretrizes
Tabela 151.	Síntese das diretrizes e linhas de ação
Tabela 152.	Áreas Prioritárias de Manejo
Tabela 153.	Síntese da fragilidade dos terrenos da Área I - Bombas
Tabela 154.	Síntese das características das Zonas Intangível e Primitiva
Tabela 155.	Exemplos de fontes de verificação para os indicadores das diretrizes
Tabela 156.	Exemplos de planilha de M&A
Tabela 157.	Avaliação final da efetividade do zoneamento
Tabela 158.	Síntese do processo de monitoramento e avaliação

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1. Reprodução da Lei nº 1064/1906
- Figura 2. Reprodução da carta original de solicitação de criação do PEAR
- Figura 3. Ilustração com a série de reportagens sobre as grutas do Vale do Ribeira em “A Gazeta”, de 1956
- Figura 4. Reprodução de manuscrito original com alerta sobre a concretização do PEAR
- Figura 5. Posters comemorativos dos aniversários do PETAR
- Figura 6. Etapas para a elaboração do planejamento estratégico
- Figura 7. Enfoques da contribuição dos atores no planejamento
- Figura 8. Escala geológica do tempo simplificada, mostrando as principais subdivisões do pré-cambriano (idades em milhões de anos)
- Figura 9. Localização das principais sub-bacias hidrográficas do PETAR
- Figura 10. a) Unidades climáticas do alto e médio vale do Rio Ribeira de Iguape; b) legenda do mapa
- Figura 11. Unidades hidrográficas de gerenciamento de recursos hídricos (UGRHI)
- Figura 12. Localização da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape no Estado de São Paulo
- Figura 13. Distribuição, em porcentagem, da drenagem das sub-bacias da URGHI-11, sendo as duas maiores pertencentes aos municípios que abrangem a área do PETAR
- Figura 14. Contexto geológico regional em que está inserida a área do PETAR e sua Zona de Amortecimento
- Figura 15. Contexto geológico regional segundo CPRM (2006)
- Figura 16. Colunas estratigráficas e tentativas de correlação lateral no Supergrupo Açungui
- Figura 17. Mapa geológico simplificado da área do PETAR e sua Zona de Amortecimento
- Figura 18. Principais falhamentos que cortam as unidades geológicas na área do PETAR e sua Zona de Amortecimento
- Figura 19. Principais estruturas geológicas que cortam as unidades geológicas na área do PETAR e sua Zona de Amortecimento
- Figura 20. Diques de rochas básicas que cortam as unidades geológicas na área do PETAR e sua Zona de Amortecimento
- Figura 21. Mapa dos lineamentos extraídos de Modelos Digitais de Terrenos (MDTs), com azimute a 45° e iluminação nas direções N45, N135, N225 e N315, da área da Folha Itararé (Folha SG.22-X-B – escala 1:250000)
- Figura 22. Imagem LANDSAT-7 com composição R8G5B3, e lineamentos extraídos da imagem, da área do PETAR e sua Zona de Amortecimento
- Figura 23. Mosaico semicontrolado de radar do Projeto RADAMBRASIL (1976), e lineamentos extraídos da imagem, da área do PETAR e sua Zona de Amortecimento
- Figura 24. (A) Localização das unidades geológicas carbonáticas proterozóicas no Estado de São Paulo e, (B) nas áreas do PETAR e sua Zona de Amortecimento, Mosaico de Jacupiranga e Parque Estadual Intervales
- Figura 25. Unidades de relevo que ocorrem nas imediações do PETAR
- Figura 26. Compartimentos de relevo que ocorrem na região em que se encontra o PETAR
- Figura 27. Unidades Morfoestruturais, Morfoesculturais e Modelados Dominantes que ocorrem na região em que se encontra o PETAR

-
- Figura 28. Tipos de relevo que ocorrem na região em que está inserido o PETAR
- Figura 29. Carste Areias-Córrego Fundo
- Figura 30. Carste Alambari - Ouro Grosso
- Figura 31. Carste Santana – Zezo – Grilo
- Figura 32. Carste Couto-Morro Preto
- Figura 33. Carste Água Suja
- Figura 34. Carste Alto Betari (em vermelho os limites do PETAR)
- Figura 35. Carste Manduri
- Figura 36. Carste Onça Parda – Vargem Grande
- Figura 37. Carste Caboclos – Casa de Pedra
- Figura 38. Carste Marginal
- Figura 39. Carste da Cachimba
- Figura 40. Carste Temimina-Pescaria
- Figura 41. Carste do Buenos
- Figura 42. Carste Três Amigos
- Figura 43. Carste Bananeira Preta
- Figura 44. Carste do Areado
- Figura 45. Carste Bulhas D'Água
- Figura 46. Carste Xuxuzeiro
- Figura 47. Carste do Ribeirão Grande
- Figura 48. Carste de Bombas
- Figura 49. Carste Cutia
- Figura 50. Relevos Cársticos da Falha da Figueira
- Figura 51. Mapa de solos do Vale do Ribeira na escala 1:250.000 de Lepsch et al. 1999
- Figura 52. Mapa de solos do Estado de São Paulo na escala 1:500.000 de Oliveira et al. 1999.
- Figura 53. Unidades de comportamento geotécnico identificadas por Nakazawa et al (1994) na região do PETAR e na Zona de Amortecimento
- Figura 54. Número de espécies da fauna registradas no PETAR
- Figura 55. Localização das principais sub-bacias hidrográficas do PETAR
- Figura 56. Análise da biodiversidade de peixes do PETAR
- Figura 57. Proporção da ictiofauna distribuída por cotas de altitude
- Figura 58. Riqueza de anfíbios e répteis presente no PETAR
- Figura 59. Número de espécies de aves registradas nos ambientes amostrados no PETAR e total de espécies encontradas exclusivamente em cada um deles
- Figura 60. Total de espécies de aves, número de espécies endêmicas da Mata Atlântica e número de espécies ameaçadas de extinção, registrados nos núcleos amostrados no PETAR
- Figura 61. Pequenos mamíferos registrados no contínuo ecológico de Paranapiacaba
- Figura 62. Espécies vegetais do PETAR presentes nas listas oficiais de espécies ameaçadas
- Figura 63. Total de espécies de aves encontradas no PETAR consideradas ameaçadas de extinção
- Figura 64. Número de espécies de médios e grandes mamíferos registradas no PETAR na AER e por dados secundários inseridas em alguma categoria de ameaça
- Figura 65. Espécies vegetais exóticas no PETAR

-
- Figura 66. PETAR e área de entorno - divisão da área pelo critério de unidades de gerenciamento de recursos hídricos
- Figura 67. Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de São Paulo, da Região Administrativa (R A) de Sorocaba e dos municípios
- Figura 68. Participação da Região Administrativa (RA) de Sorocaba e dos para o Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de São Paulo
- Figura 69. Participação dos municípios para o Produto Interno Bruto (PIB) do Estado de São Paulo
- Figura 70. Participação de cada setor econômico para formação do PIB nos municípios de influencia direta no PETAR e Estado de São Paulo
- Figura 71. Distribuição dos vínculos empregatícios entre os setores econômicos nos municípios, R. A. de Sorocaba e Estado de São Paulo
- Figura 72. IPVS dos municípios
- Figura 73. Áreas de concentração de ocupação humana no interior do PETAR
- Figura 74. Ocupação humana no interior do PETAR e sua relação com a terra
- Figura 75. Relação das famílias ocupantes com a propriedade
- Figura 76. Tipologia de usos da propriedade no interior do PETAR
- Figura 77. Localização da Mina do Espírito Santo
- Figura 78. Requerimentos de Pesquisa incidentes sobre o PETAR e Zona de Amortecimento
- Figura 79. Autorizações de Pesquisa incidentes sobre o PETAR e ZA
- Figura 80. Requerimentos de Lavra incidentes sobre o PETAR e Zona de Amortecimento
- Figura 81. Concessões de Lavra incidentes sobre o PETAR e Zona de Amortecimento
- Figura 82. Estrutura organizacional
- Figura 83. Rede de relacionamentos do PETAR
- Figura 84. Distribuição da equipe do PETAR, conforme o vínculo funcional
- Figura 85. Características do quadro funcional do PETAR – faixas etárias
- Figura 86. Características do quadro funcional do PETAR – níveis de escolaridade
- Figura 87. Distribuição das equipes e suas atribuições (57 pessoas)
- Figura 88. Número “ideal” de funcionários por programa de gestão
- Figura 89. Arrecadação no PETAR em 2009 e 2010
- Figura 90. Execução orçamentária – PETAR x UC Vale do Ribeira
- Figura 91. Fluxograma hierárquico da Polícia Ambiental
- Figura 92. Atendimento a denúncias
- Figura 93. Vetores de pressão negativos
- Figura 94. Projetos de pesquisa cadastrados no banco de dados da COTEC-IF (2000-2010) e a contribuição do PETAR em porcentagem
- Figura 95. Projetos de pesquisa cadastrados (2000-2010) e a contribuição em número e porcentagem dos parques do contínuo ecológico de Paranapiacaba (PETAR, PECB e PEI)
- Figura 96. Número de projetos desenvolvidos no PETAR, conforme instituição de pesquisa
- Figura 97. Projetos desenvolvidos no PETAR por universidades públicas
- Figura 98. Situação dos projetos cadastrados no banco de dados da COTEC-IF (2000-2010) sobre o retorno para a UC
- Figura 99. Publicações levantadas entre o período de 1890 a 2005 referentes ao PETAR e as unidades de conservação adjacentes ao PETAR

-
- Figura 100. Publicações levantadas entre o período de 1890 a 2005 referentes ao PETAR e classificadas como literatura branca
- Figura 101. Publicações levantadas entre o período de 1940 a 2005 referentes ao PETAR e classificadas como literatura cinzenta
- Figura 102. Publicações levantadas entre o período de 1890 a 2005 referentes ao PETAR (literatura branca + literatura cinzenta)
- Figura 103. Porcentagem de trabalhos realizados nas dez Unidades de Conservação enfocadas em relação ao total de trabalhos encontrados (N=1022) e em relação ao total para cada categoria de trabalho.
- Figura 104. Número de trabalhos (excluindo projetos de pesquisa) enfocando os diferentes grupos faunísticos em dez UC do Vale do Ribeira
- Figura 105. Comparação entre o número de taxa (incluindo espécies identificadas e indeterminadas) encontrados em 2006 nos trabalhos referentes a sete UC da região do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema (a) e número de espécies registradas para o PETAR em 2010, incluindo os levantamentos realizados durante as campanhas do Plano de Manejo (b)
- Figura 106. Visitação média anual nos Parques Estaduais do Vale do Ribeira, entre 1999 e 2003
- Figura 107. Visitação total acumulada nos Parques Estaduais do Vale do Ribeira, entre 1999 e 2003
- Figura 108. Fluxo de visitação no PETAR ao longo dos meses dos anos 2006, 2007 e 2008
- Figura 109. Principais atrativos visitados
- Figura 110. Principais orientações recebidas pelos entrevistados
- Figura 111. Municípios de origem dos monitores ambientais cadastrados
- Figura 112. Tempo de experiência dos entrevistados (em anos)
- Figura 113. Faixa etária dos entrevistados (em anos)
- Figura 114. Cursos relacionados à monitoria atendidos pelos entrevistados
- Figura 115. Terras públicas internas ao PETAR
- Figura 116. Terras públicas por perímetros
- Figura 117. Áreas das ações de desapropriação direta e indireta (em hectares)
- Figura 118. Áreas das ações de desapropriação indireta
- Figura 119. Áreas das ações de desapropriação direta
- Figura 120. Área aproximada a desapropriar em hectares
- Figura 121. Áreas a desapropriar em hectares por glebas e perímetros
- Figura 122. Localização dos ocupantes por bairros
- Figura 123. Categoria dos ocupantes
- Figura 124. Distribuição da ocupação de Bombas
- Figura 125. Região da Casa de Pedra

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1. Remanescentes da Mata Atlântica no Vale do Ribeira e as Unidades de Conservação dos Contínuos Ecológicos
- Mapa 2. Unidades de Conservação das Regiões do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema
- Mapa 3. Localização dos Pontos de Amostragem de Recursos Hídricos
- Mapa 4. Classificação dos Pontos Amostrados (CONAMA 35705 e 39608)
- Mapa 5. Geomorfologia do PETAR e Área de Entorno
- Mapa 6. Localização das Áreas Cársticas Agrupadas por Bacias
- Mapa 7. Hipsometria com a Localização das Áreas Cársticas e Depressões Fechadas
- Mapa 8. Solos do PETAR e Área de Entorno
- Mapa 9. Tipos de Terreno do PETAR e Área de Entorno
- Mapa 10. Fragilidade Geoambiental do PETAR e Área de Entorno
- Mapa 11. Patrimônio Espeleológico do PETAR e Área de Entorno
- Mapa 12. Cavidades Contempladas no Plano de Manejo Espeleológico
- Mapa 13. Principais Formações Florestais presentes no PETAR (Veloso et al., 1991)
- Mapa 14. Vegetação Detalhada
- Mapa 15. Uso da Terra
- Mapa 16. Ocupação Humana do Interior e Entorno
- Mapa 17. Vetores de Pressão Negativos
- Mapa 18. Distribuição Espacial das Evidências de Patrimônio Histórico-Cultural
- Mapa 19. Prioridades para Conservação, Pesquisa e Uso Público
- Mapa 20. Zoneamento Interno
- Mapa 21. Zonas de Amortecimento e Corredores do Contínuo Ecológico
- Mapa 22. Zona de Amortecimento
- Mapa 23. Planejamento da Fiscalização
- Mapa 24. Trilhas e Atrativos
- Mapa 25. Situação Fundiária

LISTA DE ANEXOS

- Anexo 1. Resolução 813
- Anexo 2. Diplomas legais de criação do PEAR e alteração do nome para PETAR
- Anexo 3. Imprensa presente na criação do PETAR
- Anexo 4. Lista de presença da Oficina Conclusiva
- Anexo 5. Lista dos participantes do processo de elaboração do Plano de Manejo
- Anexo 6. Representatividade da participação no processo de planejamento do Plano de Manejo
- Anexo 7. Avaliação da qualidade ambiental das águas do PETAR
- Anexo 8. Passivos ambientais
- Anexo 9. Vegetação
- Anexo 10. Peixes
- Anexo 11. Herpetofauna
- Anexo 12. Aves
- Anexo 13. Grandes Mamíferos
- Anexo 14. Pequenos Mamíferos
- Anexo 15. Fauna Cavernícola
- Anexo 16. Regiões Administrativas
- Anexo 17. Histórico dos municípios de influência direta ao PETAR
- Anexo 18. Requerimentos de Pesquisa
- Anexo 19. Autorizações de Pesquisa
- Anexo 20. Requerimentos de Lavra
- Anexo 21. Concessões de Lavra
- Anexo 22. Empreendimentos minerários ativos na região do PETAR-2010
- Anexo 23. Cenários históricos
- Anexo 24. Listagem completa das unidades integrantes do SIEFLOR
- Anexo 25. Principais edificações do PETAR
- Anexo 26. Planilhas de acompanhamento e controle
- Anexo 27. Portarias Normativas de interesse para a gestão administrativa e financeira das unidades de conservação editadas pela Fundação Florestal
- Anexo 28. Modelos de procedimentos de registros (PEI)
- Anexo 29. Registro fotográfico do tema uso público
- Anexo 30. Matriz com descrição das trilhas e atrativos
- Anexo 31. Operadoras de turismo que atuam no PETAR
- Anexo 32. Monitores cadastrados até 2009
- Anexo 33. Informações sócio-políticas dos municípios
- Anexo 34. Legislações municipais
- Anexo 35. Registro fotográfico das oficinas participativas
- Anexo 36. Histórico das ações e eventos de educação ambiental no PETAR
- Anexo 37. Termo de Referência Plano de Manejo do PETAR - Sub-módulo Ocupação Antrópica e Socioeconomia
- Anexo 38. Principais instrumentos legais incidentes ao PETAR

LISTA DE SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
ABA	Associação Brasileira de Antropologia
ABETA	Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ADIN	Ação Direta de Inconstitucionalidade
AER	Avaliação Ecológica Rápida
AIA	Auto de infração ambiental
ALESP	Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
AMAIR	Associação de Monitores Ambientais de Iporanga e Região
AMOR	Associação de Moradores do bairro da Serra
APA	Área de Proteção Ambiental
APP	Áreas de Preservação Permanente
ARIE	Área de Relevante Interesse Ecológico
ASA	Associação Serrana Ambientalista
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CAP	Clube Alpino Paulista
CATI	Coordenadoria de Assistência Técnica Integral
CBH	Comitês de Bacias Hidrográficas
CBH-RB	Comitê da Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e Litoral Sul
CBRN	Coordenadoria de Biodiversidade e Recursos Naturais
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
CEAM	Coordenadoria de Educação Ambiental
CECAV	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas
CENAP	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros
CETESB	Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CEU	Centro Excursionista Universitário
CF	Constituição Federal
CNEN	Comissão Nacional de Energia Nuclear
CNRH	Conselho Nacional de Recursos Hídricos
CNUMAD	Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CODIVAR	Consórcio de Desenvolvimento Intermunicipal do Vale do Ribeira
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
CONDEPHAAT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico
CONSEMA	Conselho Estadual do Meio Ambiente
COTEC	Comissão Técnica-Científica
CPLEA	Coordenadoria de Planejamento Ambiental Estratégico e Educação Ambiental
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - Serviço Geológico do Brasil
CPT	Comissão da Pastoral da Terra
CRI	Cartório de Registro de Imóveis
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
DAEE	Departamento de Águas e Esgotos do Estado

DAF	Diretoria Adjunta Administrativa Financeira
DAT	Diretoria Adjunta de Assistência Técnica
DATASUS	Banco de Dados do Sistema Único de Saúde
DBO	Demanda bioquímica de oxigênio
DE	Diretoria Executiva
DEPRN	Departamento de Proteção de Recursos Naturais
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
DO	Diretoria Adjunta de Operações
DOE	Diário Oficial do Estado
DRPE	Divisão de Reservas e Parques Estaduais
EA	Educação ambiental
EAACONE	Equipe de Articulação e Assessoria das Comunidades Quilombolas Negras do Vale do Ribeira
EDR	Escritórios de Desenvolvimento Rural
EEcJI	Estação Ecológica Juréia-Itatins
EGRIC	Espeleogrupos de Rio Claro
EIA/RIMA	Estudo de impacto ambiental / Relatório de impacto ambiental
EIA/RIMA	Estudo de Impacto Ambiental
ENCEA	Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental no Âmbito do SNUC
EOF	Equações Ortogonais Empíricas
ESALQ	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo
FEHIDRO	Fundo Estadual de Recursos Hídricos
FESP	Fazenda do Estado de São Paulo
FF	Fundação Florestal
FITESP	Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo
FITESP	Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo
FUNDAP	Fundação de Desenvolvimento Administrativo
GAPMA	Grupo de Ação e Proteção do Meio Ambiente
GBPE	Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas
GCA-VRLS	Gerência de Conservação Ambiental do Vale do Ribeira e Litoral Sul
GESCAMP	Grupo Espeleológico de Campinas
GESMAR	Grupo de Estudos Ambientais da Serra do Mar
GGEO – USP	Grupo de Espeleologia da Geologia
GPME	Grupo Pierre Martin de Espeleologia
GVBS	Grupo Voluntário de Busca e Salvamento
GVMT	Grupo de Voluntários para Manutenção de Trilhas
IAP	Investigação-Ação Participante
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IDESC	Instituto para o Desenvolvimento Sustentável e Cidadania do Vale do Ribeira

IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IF	Instituto Florestal
IG	Instituto Geológico
IGc-USP	Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo
IGG	Instituto Geológico Geográfico
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPRS	Índice Paulista de Responsabilidade Social
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas
ISA	Instituto Socioambiental
ITR	Imposto Territorial Rural
IUCN	International Union for Conservation of Nature
KfW	Kreditanstalt für Wiederaufbau
MEC	Ministério da Educação
MME	Ministério de Minas e Energia
MOAB	Movimento dos Ameaçados por Barragens
MP	Ministério Público
MPF	Ministério Público Federal
MST	Movimento dos Sem Terra
MZUSP	Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo
NAE	Núcleo de Atividades Espeleológicas
NPC	Núcleo de Pesquisa de Produção Científica
NRF	Núcleo de Regularização Fundiária
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização não governamental
OSCIP	Organização da sociedade civil de interesse público
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PAE	Plano de Aproveitamento Econômico
PAmb	Polícia Militar Ambiental
PCA	Plano de Controle Ambiental
PDS	Projeto de Desenvolvimento Sustentável
PEAR	Parque Estadual do Alto Ribeira
PECB	Parque Estadual Carlos Botelho
PECV	Parque Estadual Caverna do Diabo
PEI	Parque Estadual Intervales
PEIC	Parque Estadual Ilha do Cardoso
PEJ	Parque Estadual Jurupará
PEJU	Parque Estadual do Jurupará
PESM	Parque Estadual da Serra da Mar
PETAR	Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira
PGE	Procuradoria Geral do Estado
PIB	Produto Interno Bruto
PME	Planos de Manejo Espeleológico

PNAP	Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas -
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNMA	Programa Nacional de Meio Ambiente
PNPCT	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
PNRH	Política Nacional de Recursos Hídricos
PNRH	Plano Nacional de Recursos Hídricos
POA	Plano operacional anual
POC	Plano operacional de controle
PPI	Procuradoria do Patrimônio Imobiliário
PPMA	Projeto de Preservação da Mata Atlântica
PRAD	Plano de recuperação de áreas degradadas
PRF	Programa de Regularização Fundiária
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
ProNEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
RA	Região Administrativa
RAP	Relatório Ambiental Preliminar
RBMA	Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
RDS	Reserva de desenvolvimento sustentável
RESEX	Reservas Extrativistas
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SAD	South American Datum
SBE	Sociedade Brasileira de Espeleologia
SEAQUA	Sistema Estadual de Administração da Qualidade Ambiental
SEE	Sociedade Excursionista e Espeleológica
SEET	Secretaria do Estado de Esportes e Turismo
SENI	Secretaria de Estado de Negócios do Interior
SIAB	Sistema de Informação de Atenção Básica
SIEFLOR	Sistema Estadual de Florestas
SIGAM	Sistema Integrado de Gestão Ambiental
SIGMA	Sistema de Gerenciamento da Mata Atlântica
SISNAMA	Sistema Nacional do Meio Ambiente
SMA	Secretaria do Meio Ambiente
SNGRH	Sistema Nacional de Gerenciamento dos Recursos Hídricos
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
SPHAN	Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
STF	Supremo Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
SUCEN	Superintendência de Controle de Endemias
SUDELPA	Superintendência de Desenvolvimento do Litoral Paulista
SUS	Sistema Único de Saúde
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
TCCA	Termo de Compromisso de Compensação Ambiental
UC	Unidade de conservação
UE	União Européia

UFMS	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UGRHI	Unidades Hidrográficas de Gerenciamento de Recursos Hídricos
UNCED	Conferência Mundial do Meio Ambiente
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UPA	Unidade de produção agropecuária
UPE	União Paulista de Espeleologia
ZEE	Zoneamento Ecológico Econômico

Ficha Técnica do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira	
<p>Gestor</p> <ul style="list-style-type: none"> Fabio Tomas 	<p>Endereço Rua Isidoro Alpheu Santiago, 364 FEPASA - Apiaí - SP CEP: 18320-000</p> <p>Telefone/Fax (15) 3552-1875</p> <p>E-mail petar@fflorestal.sp.gov.br</p> <p>Site: HTTP://fflorestal.sp.gov.br</p>
<p>Decreto de Criação Decreto Estadual nº 32.283 de 19 de maio de 1958, alterado pela Lei Estadual nº 5.973 de 23 de novembro de 1960</p> <p>Área do Parque* 35.772,5 ha</p> <p>Área de Propriedade do Estado aproximadamente 19.067 ha</p> <p>Numero de Visitantes 38.000/ano</p> <p>Municípios**</p> <ul style="list-style-type: none"> Apiaí (10.048,26 ha) Iporanga (25.829,02 ha) <p>Coordenadas Geográficas (UTM WGS 84, zona 22)</p> <ul style="list-style-type: none"> X: 121.107 a 149.175 Y: 7.310.380 a 7.269.684 <p>Criação do Conselho Consultivo</p> <ul style="list-style-type: none"> Portaria Fundação Florestal nº 053/2008 	<p>Legislação Específica de Proteção</p> <ul style="list-style-type: none"> Criado pelo Decreto nº 32.283, de 19/05/1958, inicialmente denominado Parque Estadual do Alto Ribeira – PEAR Lei Estadual nº 5.973, de 23/11/1960 que re-ratificou a criação do Parque e alterou seu nome para Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - PETAR Tombamento da Serra do Mar e de Paranapiacaba (Resolução CONDEPHAAT, 1985) Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (Declaração UNESCO, 1991) Sítio do Patrimônio Natural Mundial - Mata Atlântica - Reservas do Sudeste SP/PR (Declaração UNESCO, 1999)
<p>Acesso ao Parque</p> <p>A sede do PETAR está situada a 320 km da capital paulista, podendo ser alcançada pelo Vale do Ribeira – rodovia Régis Bittencourt (BR-116) ou pela rodovia Castelo Branco (SP-280), dependendo do núcleo a que se deseja chegar. Sempre partindo de São Paulo, os seguintes percursos são algumas possibilidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> Núcleo Caboclos: seguir pela Rodovia SP-280 até o trevo de acesso para Tatuí, no km 129b. Tomar a SP-127, sentido Capão Bonito, onde a rodovia muda de nome para SP-250, que deve ser percorrida até o km 294, onde se toma uma saída e se passa à estrada não pavimentada Banhado Grande-Espírito Santo. Após 8 km se chega à guarita do núcleo, nos limites do PETAR, e após mais 9 km ao Núcleo Núcleo Casa de Pedra: seguir pela BR-116 por 230 km até Jacupiranga, onde se toma a Rodovia SP-193 e se percorre 20 km até Eldorado. Em Eldorado passar à SP-165 e são mais 73 km até Iporanga, de onde se percorre um trecho de aproximadamente 10 km em estrada de terra (sentido bairro do Ribeirão) até o Núcleo. Também se pode chegar a este núcleo vindo pela SP-280 – para isso é preciso ir até Apiaí e de lá seguir para Iporanga pela SP-165 (atravessando o PETAR) Núcleos Santana e Ouro Grosso: o acesso se dá tanto pela SP-280, quanto pela BR-116. Caso seja pela SP-280, seguir o mesmo caminho do Núcleo Caboclos, porém em vez de sair no km 294 da SP-250, continuar até Apiaí e de lá tomar a SP-165 (não pavimentada) no sentido Iporanga e seguir por 20 km até a entrada do parque. 3 km a frente chega-se ao Núcleo Santana mais 4 km ao Núcleo Ouro Grosso. Caso seja pela BR-116, seguir até Iporanga (mesmo caminho do Núcleo Casa de Pedra) e de lá no sentido bairro da Serra/Apiaí, pela SP-165. São 14 km até o Núcleo Ouro Grosso e mais 4 km até o Núcleo Santana 	
<p>Vegetação</p> <ul style="list-style-type: none"> Predomina floresta ombrófila densa sobre solo cárstico, compondo o maior representante de tal variedade de floresta no país. Essa fisionomia é de extrema relevância e peculiaridade e sua importância é ainda maior dado que se trata de floresta madura, com grandes espécies emergentes – diferente da aparência de formação aberta que a ocorrência de afloramentos calcários causa Os levantamentos da flora realizados para o Plano de Manejo, considerando dados primários e secundários, totalizaram 742 espécies vegetais. Do total de espécies registradas durante a etapa de campo, 206 (28%) foram novas citações para o Parque 	
<p>Fauna</p> <ul style="list-style-type: none"> A grande heterogeneidade de tipos vegetacionais propicia a ocorrência de composições faunísticas distintas e uma elevada riqueza de espécies dos diferentes grupos da fauna, incluindo 78 espécies de peixes, 60 espécies de anfíbios, 31 espécies de répteis, 319 espécies de aves, 93 espécies de pequenos mamíferos e 22 espécies de grandes e médios mamíferos Destaque: bagre-cego do Ribeira de Iguape (<i>Pimelodella kronei</i>), endêmica e ameaçada em função de destruição de habitats de cavernas 	
<p>Atrativos</p> <ul style="list-style-type: none"> Trilhas de curta e média duração com diferentes graus de dificuldades dão acesso a cachoeiras, cavernas, sítios arqueológicos e sambaquis caminhando por trechos de floresta em bom estado de conservação. Entre as cavernas se encontram a Casa de Pedra, com o maior pórtico de caverna do planeta (215m de altura), e Santana, uma das maiores e mais ornamentadas do Estado. Destaca-se a Trilha do Betari, que segue o rio formando ao longo do seu curso diversas piscinas naturais Patrimônio Histórico-Cultural: sítios arqueológicos; sambaquis na caverna Morro Preto e ruínas da primeira usina de fundição de chumbo do Brasil nas cavernas Temimina/Caboclos O PETAR recebe 38 mil visitantes /ano, sendo 28 mil controlados/monitorados e 10 mil não 	

* Fonte: Programa de Regularização Fundiária (dados mais atualizados disponíveis).

** Cálculos das áreas ponderadas protegidas por município - ICMS Ecológico, situação em dezembro de 2009. Secretaria de Estado do Meio Ambiente - Assessoria de Projetos Especiais e Fundação Florestal.

Infraestrutura	
<p><u>Edificações</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sede Administrativa (Apiá): portaria, sede, oficina e barracão ▪ Núcleo Santana: portaria, casa dos técnicos, sede de pesquisa, administração, centro de visitantes ▪ Núcleo Caboclos: casa da bomba, portaria Temimina, casa dos técnicos/sede de pesquisa, casa dos rádios, alojamento IF, alojamento IG ▪ Núcleo Casa de Pedra: portaria ▪ Núcleos Ouro Grosso: Casa de Farinha, alojamento, sanitários, lavanderia ▪ Base Areado: casa/alojamento ▪ Base Temimina: portaria ▪ Base Capinzal: casa/alojamentos ▪ Base Bulha d'Água: casa/alojamento 	<p><u>Veículos e implementos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ 3 caminhonetes 4x4 ▪ 1 Parati ▪ 1 caminhão ▪ 1 Saveiro ▪ 4 motos Honda XR200R ▪ 03 roçadeiras ▪ 01 motosserra
Atividades Desenvolvidas	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho em conjunto com o Conselho Consultivo e suas câmaras técnicas desde 2008 ▪ Parcerias firmadas com os municípios de Iporanga, Apiá e Guapiara ▪ Relacionamento com as comunidades do entorno - Serra, Caximba, Bombas entre outras ▪ Gestão dos funcionários e prestadores de serviço - IF, FF, IG, Capital, APPRBG, AABE, PM Iporanga, Limpeza ▪ Gestão do relacionamento com outras entidades governamentais e não governamentais – Polícia Militar Ambiental, Corpo Bombeiros, GVBS, DEPRN entre outras <p><u>Projetos em andamento:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conclusão dos Planos de Manejo Espeleológicos e continuidades das atividades relacionadas a eles ▪ Projeto de Ecoturismo na Mata Atlântica ▪ Projetos de pesquisa científica ▪ Projetos Ssocioambientais (extrativistas, abelhas nativas) ▪ Reestruturação da gestão administrativa ▪ Participação de organizações sociais em gestão de serviços internos 	

Equipe do Parque	
Função Principal	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estagiário ▪ Auxiliar de Serviços Gerais ▪ Motorista ▪ Vigilante ▪ Monitor Ambiental ▪ Auxiliar Apoio P. C. Tecnológica ▪ Oficial Apoio P. C. Tecnológica ▪ Agente de Recursos Ambientais ▪ Assistente Técnico de Visitaçao ▪ Gestor do Parque
Vínculo Empregatício	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instituto Florestal: 28 funcionários ▪ Fundação Florestal: 12 funcionários ▪ Instituto Geológico: 04 funcionários ▪ Prefeitura Municipal de Iporanga: 03 funcionários ▪ BK Consultoria: 03 funcionários ▪ Capital Segurança: 04 funcionários ▪ Multiservice: 02 funcionários ▪ FUNDAP: 01 funcionário
Nível de Escolaridade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ensino fundamental incompleto: 10 funcionários ▪ Ensino fundamental completo: 13 funcionários ▪ Ensino médio incompleto: 01 funcionário ▪ Ensino médio completo: 25 funcionários ▪ Ensino superior incompleto: 02 funcionários ▪ Ensino superior completo: 06 funcionários
Total	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 57 pessoas